



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA – TEL
MONOGRAFIA EM LITERATURA - 150690

Profa. Dra. CLAUDIA FELÍCIA FALLUH BALDUINO FERREIRA - Orientadora
NORMA REGINA OLIVEIRA DE CASTRO - Orientanda

A MULHER E O ISLÃ
ISABELLE EBERHARDT - VIDA e OBRA LITERÁRIA
Uma análise da Crônica
LE PORTRAIT D'OULED NAÏL

Monografia de final de curso, apresentada à
como requisito para a aprovação da disciplina
Monografia em Literatura, do Departamento
de Teoria Literária e Literatura – TEL, sob
orientação da Profa. Dra. Cláudia Felícia
Falluh Balduino Ferreira.

Brasília
2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA – TEL
MONOGRAFIA EM LITERATURA - 150690

A MULHER E O ISLÃ
ISABELLE EBERHARDT - VIDA e OBRA LITERÁRIA
Uma análise da Crônica
LE PORTRAIT DE L'OULED NAÏL

NORMA REGINA OLIVEIRA DE CASTRO

Brasília

2013

Heureux tout homme qui craint l'Eternel, qui marche dans ses voies ! Tu profites alors du travail de tes mains, tu es heureux, tu prospères. Ta femme est comme une vigne porteuse de fruits dans ton foyer, tes fils sont comme des plants d'olivier autour de ta table. C'est ainsi qu'est béni l'homme qui craint l'Eternel. L'Eternel te bénira de Sion, et tu verras le bonheur de Jérusalem tous les jours de ta vie, tu verras les vils de tes ftes fils. Que la paix soit sur Israël.

RESUMO: A presente pesquisa busca analisar a influência da religião islâmica e a situação da mulher no seio do Islã, a partir da apreciação das obras de Isabelle Eberhardt. Através da análise da fortuna crítica da autora, procura evidenciar os conflitos sociais, culturais e religiosos relacionados à ocupação francesa no Magrebe (países do norte da África), mais especificamente na Tunísia, no Marrocos e na Argélia. A pesquisa se baseia na leitura de três obras da autora: *Pages d'Islam*, *Notes de Route* e *Amours Nomades*. Finalizando com um estudo detalhado da crônica de viagem *Le portrait d'ouled Naïl*, onde evidenciam-se os limites entre realidade e ficção, memória e conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Isabelle Eberhardt – Religião - Islã – Mulher – Memória

RÉSUMÉ : Cette recherche atteinte analysée l'influence de la religion islamique et de la situation des femmes au sein de l'Islam, à partir de l'appréciation des oeuvres d'Isabelle Eberhardt. Vers l'analyse de la fortune critique de l'auteur. Il cherche éclairer les conflits sociaux, culturels et religieux relatifs à l'Occupation française sur le Maghreb (des pays du nord de l'Afrique), spécifiquement à Tunis, au Maroc et à l'Algérie. La recherche est basée en la lecture de trois oeuvres de l'auteur : *Pages d'Islam*, *Notes de Route* et *Amours Nomades*. Et pour finir on fait une étude détaillée de la chronique de voyage *Le portrait d'ouled Naïl*, où on évidecie les limites entre la réalité et la fiction, la mémoire et la connaissance.

MOTS CLÉS : Isabelle Eberhardt – Religion – Islam – Femme - Memoire

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que está em primeiro lugar em minha vida e declaro que sem Ele eu nada teria feito e sequer existiria.

Agradeço ao meu querido pai **RUBENS DE CASTRO** (in memoriam) e à minha querida mãe **NATHALINA** que me ensinaram o caminho pelo qual eu devo andar.

Agradeço aos meus irmãos **Rubens, Helena e Renato** que sempre me apoiaram em todas as minhas empreitadas e por serem meus companheiros em tudo.

Agradeço à minha família como um todo porque sempre estiveram ao meu lado, me fortalecendo e incentivando. Agradeço, também, ao apoio de minha cunhada **Luzinete** e de meu amado sobrinho **João Rubens**.

Agradeço aos meus professores que sempre foram compreensivos e de maneira amigável e gentil sempre me transmitiram muito mais do que os conteúdos necessários para a minha formação, pois certamente me ensinaram a ser um ser humano melhor.

Agradeço especialmente aos professores **José Arnildo Marquezin, Euterpe Therezinha Christov Correia, René Gottlieb, Maria Luisa Ortiz, Adriana Huelva, Germana Henriques, Janete Melasso, Enrique Huelva** e tantos outros que sempre me apoiaram.

Agradeço à minha professora-orientadora **Claudia Felícia** por ser muito mais que uma professora, ser uma amiga que sempre me estimulou nesta última fase de minha jornada acadêmica.

Agradeço aos meus muitos amigos e amigas por serem meus amigos.

Amo todos vocês!

SUMÁRIO

RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	IV
AGRADECIMENTOS.....	V
INTRODUÇÃO.....	07
1.0 Pressupostos Teóricos – Análise Literária.....	09
2.0 Conhecendo a Argélia – Um pouco de História.....	11
2.1 Alguns conceitos importantes.....	11
2.2 A Argélia pré-Colonização Francesa.....	13
2.3 A Colonização Francesa e seus problemas.....	15
3.0 A Argélia que Isabelle encontrou em sua jornada.....	16
3.1 O Contexto político-social do Magrebe encontrado por Isabelle – A influência da Colonização Francesa.....	16
4.0 Começando a entender a obra de Isabelle.....	17
4.1 Conto ou Crônica? Como definir a Obra de Isabelle Eberhardt.....	17
4.2 A Estrutura literária na narrativa de viagem de Isabelle Eberhardt.....	19
5.0 Desvendando a Obra de Isabelle Eberhardt – Análise da Crônica Le Portrait d'Ouled Naïl	21
5.1 Resumo da crônica Le Portrait d'Ouled Naïl.....	21
5.2 Análise: Realidade X Ficção, Memória X Conhecimento.....	23
CONCLUSÃO.....	27
APENDICE – A – transcrição da Crônica LE PORTRAIT D'OULED NAÏL.....	28
APENDICE –B – PORTRAIT 1 D'OULED NAÏL.....	32
APÊNDICE –C – PORTRAIT 2 D'OULED NAÏL.....	33
BIBLIOGRAFIA.....	34

INTRODUÇÃO

Descobri a escritora Isabelle Eberhardt por acaso, mas não por acaso resolvi pesquisar sua vida e sua obra. Mulher de vida curta, mas extremamente bem vivida. Viajou, conheceu e desbravou. Inovou. Vestiu-se de homem para desvendar o mundo árabe. Andou por montanhas verdejantes e por desertos assoladores. Conheceu gente humilde que se fixaram na terra e acompanhou viajantes que não paravam nela. Viajou com caravanas de beduínos. Entrou em mosteiros muçulmanos e em mesquitas. Soube distinguir as diversas tribos do Magrebe e conheceu-lhes as peculiaridades.

Nasceu na Suíça, e tinha a ascendência russa. Seguiu a Legião Estrangeira. Vestiu-se de beduíno e viajou com eles, conheceu a Tunísia, a Argélia e o Marrocos. Falava francês, russo e foi autodidata no aprendizado da Língua Árabe. Aprendeu dialetos.

Muito inteligente, começou a carreira como revisora de textos em jornais de pequeno porte da Suíça. Conheceu intelectuais de sua época e trocava correspondência com eles. Dona de um olhar analítico soube como ninguém relatar o que via e ouvia.

Jovem e perspicaz logo se apropriou da cultura da cultura Cabile e Árabe e assumiu o Islã como Religião. Escreveu profusamente descrevendo os lugares por onde passava, as pessoas, os modos, os costumes que conhecia.

Preocupada com a situação política peculiar que vivia o Magrebe naquele momento de colonização, não conseguia ficar alheia aos contrastes e contradições entre as culturas Francesa e Árabe.

A Religião de forma particular chamou sua atenção o embate entre a Colonizadora França essencialmente católica e o colonizado Magrebe fundamentalmente islâmico.

Transfigurada em homem, tinha um olhar característico. Ela como mulher vestida de homem conhecia tanto a visão feminina oprimida e reprimida quanto a visão possessiva, dominadora e preconceituosa masculina. Por isso seus escritos são tão intrigantes. Esse olhar ambíguo faz com que em sua obra ela consiga dosar a mistura entre o homem rústico

e dominador e a mulher sem voz e sentimento, oprimida e sem oportunidade. Sabe também misturar o mistério da ficção e a sombra da realidade. Faz crítica à dominação francesa e exalta a cultura magrebina.

Isabelle Eberhardt era assim, mulher de dupla face. O mistério que ela possuía em sua própria pessoa possibilitou um novo e duplo olhar, masculino e feminino, ao se deparar com as histórias, mitos e lendas daqueles povos que aprendeu a amar como sendo seu povo.

Ler Isabelle Eberhardt é desvendar o Magrebe como um todo. É conhecer campos, cidades, vilas, montanhas e desertos. É sentir cheiros e perceber sabores. É desvendar pessoas e descobrir mistérios. Isabelle entra na psique de cada povo, de cada tribo, de cada pessoa.

Suas crônicas serviam para apresentar ao povo francês as terras, as cidades, os povos, enfim, os países que eles se propunham dominar. Ela queria ser a porta-voz daquele povo, mostrando que eles tinham alma, que eles existiam, que amavam e sorriam, que tinham uma cultura própria e que não admitiriam que nada nem ninguém viesse a ultrajar seus pensamentos.

De certa forma, Isabella conseguiu levar o leitor de suas crônicas a viajar com ela e a conhecer o Marrocos, a Tunísia e a Argélia e seus habitantes, sua cultura e sua religião. Neste trabalho, tentaremos analisar sua vida e sua obra.

1.0 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS - ANÁLISE LITERÁRIA

Para Aristóteles diz que a história é a representação de fatos que aconteceram enquanto que a poesia seria a representação do que deveria ter acontecido.

Poderíamos analisar a obra literária de Isabelle Eberhardt através do conjunto descritivo do modo de ser de sua produção, sua diversidade e de suas regularidades estruturais, mas dessa forma estaríamos analisando apenas um aspecto de sua rica produção literária.

Isabelle pretende transferir para suas crônicas tudo o que viu, percebeu e sentiu e suas viagens pelo Magrebe atendendo os anseios de seu público leitor de suas crônicas publicadas nos jornais franceses da época. Nessas crônicas ela tentava alcançar a expressão de um conhecimento intuitivo, algo que não havia sido verbalizado, mas que ela captava com seus olhos e processava em sua mente. Ela procura expressar toda bagagem intuitiva adquirida em cada um de seus escritos.

Por isso podemos perceber impulsos reprimidos que são liberados em sua produção. Como mulher ela reprime fisicamente suas reações e enquanto homem ela exprime aquilo que ela não sente verdadeiramente. Essa dualidade de visão faz com que o romantismo seja visto como algo que deve ser reprimido e a realidade deva ser mostrada, mesmo que essa não se a verdade do que de fato acontece.

Em um primeiro momento podemos pensar que a expressão simbólica dos impulsos e sentimentos reprimidos pela autora são igualmente reprimidos em sua obra. Entretanto, percebemos que a produção literária é plena de sua própria biografia. Sua obra é preponderantemente interligada à sua história e biografia por isso é explícita a impressão, consciente ou não de uma biografia psíquica da autora na obra.

A obra literária de Isabelle intenta apresentar ao leitor a realidade por ela encontrada nas terras por onde passou. A realidade social e política do povo, os conflitos sociais, os problemas econômicos enfrentados pelos colonos. É um trabalho de interpretação, de técnica de pesquisa e de observação. Contudo, Isabelle não deseja dar ênfase aos problemas, mas faz com que eles sirvam de plano do fundo para suas histórias.

Desta forma, história e realidade se confundem, entretanto, sua atenção é voltada para a alma do povo berbere, nômade, beduínos e as mulheres em seus contextos específicos.

Seus escritos nascem, primeiramente, na alma. Há sempre em cada obra um mistério, algo oculto que somente a própria Isabelle poderia nos revelar, mas esse elemento de mistério é o elemento que Isabelle encontra em sua caminhada pelo deserto, pois o próprio deserto é um mistério. Dessa forma vemos mais um espelho de sua história, mais um reflexo de sua própria realidade envolta em mistério. O que lhe é fácil captar com sua experiência real de vida é, em princípio, difícil para transmitir em palavras, mas, com maestria o faz em suas crônicas que são ricas em detalhes e descrições das paisagens. Essas descrições não se estendem e não são maçantes.

2.0 - CONHECENDO A ARGÉLIA – UM POUCO DE HISTÓRIA

2.1 - ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES

Antes de começarmos uma exposição sobre a história da Argélia e, mais particularmente, sobre a Argélia que Isabelle encontrou em suas viagens pelo Magrebe, faz-se necessário termos contato, ainda que resumidamente, com alguns conceitos importantes da história mundial¹.

Berberes – Chamam-se a si mesmos de “homens livres” ou Amazigh. Povos do Norte da África que falam línguas berberes, da família de línguas afro-asiáticas. Hoje, cerca de 58 e 75 milhões de pessoas que falam estas línguas principalmente no Marrocos e na Argélia. Também fazem parte deste grupo os tuaregues, predominantemente, os nômades do Saara.

Cartagineses – Civilização cartaginesa ou civilização púnica. Foi uma civilização da antiguidade que se desenvolveu na Bacia do Mediterrâneo entre o fim do século IX a.C e meados do século II a. C e esteve na origem de uma das maiores potências comerciais e militares do seu tempo.

Guerras Púnicas – Consistiram numa série de três conflitos que se opuseram a República Romana e a República de Cartago, cidade-estado fenícia, no período entre 264 a.C. e 146 a.C. Depois de quase um século de lutas, ao fim das Guerras Púnicas, Cartago foi totalmente destruída e Roma passou a dominar o mar Mediterrâneo. Os púnicos são povo de ascendência fenícia.

Vândalos – Eram uma tribo Germânia oriental que penetrou no Império Romano, durante o século V e criou um estado no norte da África centralizado na cidade de Cartago. Os vândalos saquearam Roma no ano de 455.

Império Bizantino (ou Bizâncio) – Foi o império Romano do Oriente durante a Antiguidade Tardia e a Idade Média, centrado na sua capital, Constantinopla. Conhecido simplesmente como Império Romano. O império existiu por mais de mil anos, a partir do século IV até 1453. Durante a maior parte de sua existência, manteve-se como a mais poderosa força militar, econômica e cultural da Europa, apesar de contratempos e perdas

¹Texto adaptado de [PT.wikipedia.org/wiki/](https://pt.wikipedia.org/wiki/)

territoriais, especialmente durante as guerras contra persas e árabes. O império recuperou-se durante a dinastia macedônica, crescendo novamente, acabando por tornar-se um poder proeminente no Mediterrâneo Oriental do século X rivalizando com o Califado Fatímida.

IBADI – Movimento muçulmano diferenciado do sunita e do xiita. Era a forma do islã dominante em Oman e Zanzibar depois avanço pela Argélia, Tunísia, Líbia e por todo leste da África.

KABILES – povos oriundos da região da Cabília que é uma região montanhosa do norte da Argélia. Seu nome provém do árabe al-qabā'il. Faz parte da cordilheira do Atlas e é banhada pelo Mediterrâneo.

2.2 - A ARGÉLIA PRÉ-COLONIZAÇÃO FRANCESA

Os berberes ocupam o território que hoje conhecemos como Argélia desde pelo menos 10.000 a. C, mas em 1.000 a. C os cartagineses começam a exercer influência sobre eles ao se instalarem ao longo da costa. Mas, nesse momento, os cartagineses estão longe de ser os únicos a invadirem, controlarem e dominarem aquelas terras e seu povo.

Esse território durante muito tempo passou por invasões que causaram diversas guerras como, por exemplo, as Guerras Púnicas, para se tornarem independentes de Cartago. Entretanto, essa independência não durou muito, pois em 200 a.C eles foram anexados ao Império Romano.

Com a queda do Império Romano do Ocidente, os berberes retomaram grande parte de seu antigo território e alcançaram certa independência, pois algumas zonas ficaram nas mãos dos Vândalos. Estas zonas não voltaram imediatamente para as mãos dos berberes, mas foram tomadas pelo Império Bizantino e foram mantidas com dificuldades até a chegada dos Árabes.

Os árabes expulsaram os bizantinos no século VIII e não se detiveram em seu avanço pelo território e logo foram ameaçar o território berbere. Estes resistiram os árabes por muitas décadas sob comando de líderes como **Kussyla** e **Kahina** que em adotaram a Islã como religião. Entretanto este califado foi expulso da Argélia pouco tempo depois e transformou-se em um estado **IBADI** sob o comando dos **rustamidas**. Com o auxílio da tribo **Kutama** da região **Kabyle**, os **fatímidas**, que eram **xiitas**, afrontaram e derrotaram os **rustamidas** e tomaram o Egito. Dessa forma os berberes da tribo Zirid retomaram o controle da Argélia. Essa tribo Berbere Zirida manteve o Islã como religião, mas se rebelaram e adotaram a vertente sunita em lugar da vertente xiita que é mais radical.

Após esses eventos houve uma gradual descolonização árabe e uma lenta retomada berbere das dinastias dos almorávidas e dos almóadas que trouxeram um período de relativa paz e desenvolvimento. Com a queda dos almóadas, a Argélia tornou-se, novamente, um campo de batalhas em que outras etnias entraram em conflito: os **zianidas** da Argélia, os **háfsidas** da Tunísia e os **Merínidas** do Marrocos. A este conflito alia-se a Espanha que realizou diversos ataques às cidades costeiras tomando o controle de algumas. E, neste ponto entra no conflito o Império Otomano à convite dos povos das cidades tomadas pela Espanha.

O A região Norte da África era local de guerras e conflitos entre tribos, entre etnias, e entre países e impérios. Esses fatos influenciaram em sua constituição.

Quando a Argélia foi completamente anexada pelo Império Otomano, estes estabeleceram as fronteiras atuais ao norte e fizeram da costa uma base de corsários. Por volta do século XVII as atividades corsárias na região atingiram seu ápice. Ataques à navios norte americanos eram frequentes e resultaram na primeira e na segunda guerra berbere. A França invade a Argélia em 1830, sob o pretexto de falta de respeito para com seu cônsul, mas só obtém o controle completo do país no século passado.

2.3 - A COLONIZAÇÃO FRANCESA E SEUS PROBLEMAS

Era o período da Terceira República na França quando começou a invasão francesa ao território da Argélia, entretanto, a partir de a Argélia já integrar seu território essa situação só virá a findar com o colapso da Quarta República. Milhares de pessoas oriundas da Europa: França, Itália, Espanha e Malta se estabeleceram na Argélia tentando investir em agricultura nas terras costeiras e férteis e, também, para morar nas melhores partes das melhores cidades argelinas, beneficiando-se da política de confisco de terras impetrado pelo governo Frances aos colonos argelinos.

Nesta época os **pieds-noirs**, pessoas de ascendência europeia e os judeus argelinos, eram os cidadãos mais bem sucedidos financeiramente do local, pois eram os beneficiários das políticas impostas pelo Governo Francês. Por outro lado, a população muçulmano-argelina, que era a maioria, não se beneficiavam da política francesa e, por isso, não tinham a cidadania francesa e, por isso, não tinham direito ao voto e nem representatividade no governo. Eram discriminados e humilhados em sua própria terra.

O processo de descolonização e a libertação da Argélia, não ocorre sem a ocorrência de muitos outros conflitos, guerra civil generalizada e muito desgaste político, tanto da França e seu esquema político, como também das estruturas políticas precárias da Argélia. A guerra pela independência perdurou até março de 1962 quando, finalmente, o governo francês aceitou assinar um cessar-fogo com a Frente de Libertação Nacional (**FLN**), partido socialista argelino criado em 01 de novembro de 1954 com a fusão de pequenos partidos e com o objetivo de enfrentar a França visando a independência da Argélia. Com a decretação do cessar fogo, a França concordava em estabelecer uma política de cooperação social, econômica e política entre os dois países.

3.0 - A ARGÉLIA QUE ISABELLE ENCONTROU EM SUA JORNADA

A Argélia estava sob o domínio da França e esta, por sua vez, vivia a sua Terceira República (1871-1940).

O Deputado **Vuillermoz** tentou proclamar a separação entre a Argélia e a Igreja, e tentou a supressão do ensino congregacionista, entretanto, encontrou pouco apoio à sua propositura de separação da Argélia da França e sua união com a Grã-Bretanha.

Através de um pacto firmado entre **Makrani** e o antigo **El-Haddad**, chefe da potente confraria dos **Ramaniyas**, a guerra Santa foi proclamada. Ao mesmo tempo, mais de 150.000 **Kabyles** pegam em armas levando no coração como essência a retomada da independência. Por outro lado, o estabelecimento do regime civil era desejado pelos demais colonos.

3.1- O CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL DO MAGREBE ENCONTRADO POR ISABELLE EBERHARDT - A INFLUENCIA DA COLONIZAÇÃO FRANCESA

Seu contato com a religião islâmica torna-se mais forte à medida em que se entrega às suas viagens, ao contato com o povo árabe e ao aprimoramento do aprendizado da língua. Ela e sua mãe se convertem ao Islamismo ao mesmo tempo (1897).

A colonização francesa faz com que o mundo árabe que ela aprendera a conhecer seja agitado. Mas essa agitação só vem a contribuir para o seu amadurecimento literário, o que resultará em grande produção de novelas, pequenos textos para jornais ampliando sua produção de crônicas. Isabelle escreve sobre tudo o que vê, ouve, entende, aprende e vive durante suas viagens por toda região do Magrebe.

Não é preciso dizer que houve um grande choque cultural. A França colonizadora intenta imprimir seus costumes sobre todos os povos que compõem o Magrebe, esquecendo-se que se trata de vários grupos distintos. E essa diferença cultural era um problema difícil de ser resolvido. Além dos conflitos internos entre as diversas tribos, suas diferenças sociais e culturais já existentes antes mesmo da colonização francesa, esse novo ingrediente fazia acirrar ainda mais os ânimos de todos fazendo com que toda aquela área se transforme em zona sensível à conflitos de toda sorte.

4.0 COMEÇANDO A ENTENDER A OBRA DE EBERHARDT

Devido a diversidade de sua obra, em um primeiro momento podemos definir seus escritos como sendo contos, mas, depois de uma análise mais acurada, podemos defini-los como crônica.

4.1 - CONTO OU CRÔNICA? COMO DEFINIR A OBRA DE EBERHARDT

Antes de iniciar a análise dos escritos literários de Isabelle é preciso defini-lo, conto ou crônica. A primeira opção que nos vem à mente é a de defini-los como contos, entretanto, alguns aspectos nos levam a crer se tratem de crônicas. Para dirimir esta ambiguidade é preciso recorrer às definições de ambos.

Segundo o Dicionário Aurélio, Conto é uma narração falada ou escrita; uma história ou historieta imaginada, podendo ser uma fábula ou uma mentira inventada para iludir indivíduos rústicos ou ainda um engodo ou um embuste. O que não é, definitivamente a finalidade dos escritos de Isabelle. Ela se preocupava em transmitir o ambiente, a cultura e a mística do povo da Argélia e de todo Magrebe, da melhor e mais fiel forma possível.

O conto tem também por característica o fato de ser uma forma narrativa em prosa, mas de menor extensão que o romance. É conciso, preciso, denso, a unidade de efeito, ou para ler de uma só vez, a um só fôlego como dizia Poe (1849-1849). Uma das funções do conto é emocionar, excitar e causar um impacto no leitor.

Já a crônica, substantivo feminino, é uma narração histórica, que segue uma ordem cronológica; ou pode ser, ainda, uma seção ou coluna, de jornal ou revista, consagradas a assuntos especiais. Crônica, é o único gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas páginas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade utilitária e pré-determinada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. Uma característica interessante é que a crônica é, primordialmente, um texto escrito para ser publicado no jornal e tal fato já lhe determina vida curta, pois à crônica de hoje seguem-se muitas outras em edições futuras.

Pode-se dizer, basicamente, o que diferencia entre o conto e crônica é a densidade poética.

O conto é pesado, a crônica é leve. O conto deve provocar e inquietar, a crônica deve entreter e deleitar. A crônica é a prosa curta, amena e coloquial, com toques de malícia e humor, sobre os fatos políticos da atualidade ou sobre os hábitos e costumes dos diversos segmentos sociais. No conto a história é completa e fechada hermeticamente, com um só conflito.

A crônica é um gênero híbrido que oscila entre a literatura e o jornalismo, resultado da visão pessoal, particular, subjetiva do cronista ante um fato qualquer, colhido no noticiário do jornal ou no cotidiano, no caso de Isabelle, sua própria visão dos fatos e dos acontecimentos que presenciou -, ou não-, ou que apenas ouvira falar. A Crônica também pode ser definida como sendo uma produção curta, apressada, preocupada e voltada para seu receptor, o leitor de sua coluna em jornal ou revista. No caso de Isabelle seus escritos eram publicados em jornais da Argélia, Tunísia e Marrocos. A crônica tem a preocupação de transmitir fatos do cotidiano.

Uma das finalidades da crônica é justamente apresentar o fato, nu, seco e rápido, mas não concluí-lo. O cronista não fecha ou determina sua tese, ele a deixa inconclusa, à meio caminho, ele deixa em seu texto indícios e insinuações para que o leitor possa, por si só, refletir e chegar a uma conclusão independente.

Na crônica o leitor é livre para seguir os indícios que mais lhe interessar e chegar a sua própria conclusão. No conto o leitor é conduzido, levado pelo contista em um crescente de emoções até chegar ao ápice que pode levá-lo a um êxtase, um choque, uma surpresa, ou a uma outra sensação.

E, finalmente, por ser a crônica um relato rápido, intenciona mostrar um breve momento do cotidiano das personagens. Procura captar o lance curioso ou um momento interessante ou intrigante, alegre ou triste, de uma ou mais personagens. Podemos concluir dizendo que o que diferencia a crônica do conto é o tempo, a apresentação da personagem e o desfecho.

4.2 - A ESTRUTURA LITERÁRIA DA NARRATIVA DE VIAGEM DE ISABELLE EBERHARDT

Com relação à estrutura da narrativa de Isabelle Eberhardt em suas crônicas, podemos verificar que existe uma linha tênue entre lembrança e memória, entre o que é verdade e o que não é. Segundo a teoria de Gerard Genette (Estrutura da Narrativa), Isabelle é uma narradora heterodiegética, pois dá detalhes dos quais ela não poderia saber. Ela fornece uma construção que deixa claro que a experimentação não é dela. Ela transita entre a primeira e a terceira pessoa para dar ares de verossímil à sua narrativa. Fica claro que Isabelle procura retratar a realidade que ela vivenciou em suas viagens, demonstrando que é mais fácil acreditar naquilo que se viu do que naquilo que se ouviu. Por isso ela começa suas crônicas de modo a convidar ao leitor a entrar em sua memória e participar de suas lembranças.

La elección Del novelista no ES entre dos formas gramaticales, sino entre dos actitudes narrativas (cujas formas gramaticales no son sino una consecuencia mecánica): hacer contar la historia por uno de sus “personajes” o por un narrador extraño a dicha historia. La presencia de verbos en primera persona en un texto narrativo puede, pues, remitir a dos situaciones muy diferentes, que la gramática confunde pero el análisis narrativo debe distinguir: la designación Del narrador en cuanto tal por si mismo, como cuando Virgilio escribe “Arma virumque cano...” y la identidad de persona entre el narrador y uno de los personajes de la historia, como cuando Crusoe escribe: “Em 1632, nasci em York...” Resulta más que evidente que la expresión “relato em primera persona” no se refiere sino a la segunda de esas situaciones y esa disimetría confirma su impropiedad. En la medida en que el narrador puede intervenir en todo momento como tal em el relato, toda narración se hace, por definición, virtualmente em primera persona (aunque sea em plural académico, como cuando Stendhal escribe: Hermos de confesar que... hemos comenzado la historia de nuestro héroe...) La verdadera cuestión ES la de si há tenido o no el narrador ocasion de emplear la primera persona para designar a uno de los personajes. Así, pues,

distinguiremos aquí dos tipos de relatos: uno de narrador presente como personaje en la historia que cuenta (ejemplo: Gil Blas o Wuthering Heights). Llamo al primer tipo, por razones evidentes, *heterodieético* e al segundo *homodieético*” (GENETTE, 1972, p. 298-299)

“La ausencia es absoluta, pero la presencia tiene grados. Así, pues, habrá que distinguir al menos dos variedades dentro Del tipo homodieético: una em que el narrador ES el protagonista de su relato (Gil Blas); outra em que el narrador no desempeña sino un papel secundário, que resulta ser siempre, por así decir, um papel de observador y de testigo”. (GENETTE, 1972, p. 299)

A atmosfera física que envolve os personagens das crônicas de Eberhardt possui importância igual à análise psicológica. Ela não se detém apenas às descrições físicas dos personagens, para ela a atmosfera e os aspectos psicológicos do ambiente, são igualmente ou mais importantes que os primeiros.

5.0 - DESVENDANDO A OBRA DE ISABELLE EBERHARDT – ANALISE DE SUA CRÔNICA – LE PORTRAIT D'OULED NAÏL

A escolha da crônica *Le Portrait d'Ouled Naïl* não foi casual. Esta crônica é uma das mais conhecidas dentre todas as crônicas de sua antologia. Já fora publicada diversas vezes em coletâneas diferentes de diversos estudiosos. Trata-se de uma crônica que apresenta uma tribo em particular, talvez uma das mais intrigantes que cortaram o caminho de Isabelle em suas viagens.

5.1 RESUMO DA CRÔNICA LE PORTRAIT D'OULED NAÏL

A crônica fala sobre um retrato encontrado por Isabelle em uma de suas muitas viagens. O quadro estava exposto na vitrine de uma loja qualquer. É a fotografia de uma mulher da tribo **farrouche** (selvagem, insociável, violenta). Aquele retrato de uma mulher da tribo dos **Ouled Naïl** chama a atenção de Isabelle que observa que aquela imagem tão bonita, por vezes, poderia perturbar os olhares dos viajantes que passavam por ali.

Várias são as perguntas que passam pela mente de Isabelle naquele momento e as fazem pensar na história vivida por aquela mulher. Com base em seus conhecimentos do povo, da cultura, da história daquele povo e da região, da religião e dos costumes, Isabelle cria uma história verossímil para aquela mulher, que até então era apenas um rosto, com um olhar distante e triste. Era um rosto sem voz, sem história, sem passado nem futuro e perdida no presente. « Tout d'abord, cette appellation d' "Ouled Naïl" appliquée au portrait d'Achoura, ben Saïd est fallacieuse : Achoura, qui existe encore sans doute au fond de quelque gourbi bédouin, est issue de la race farouche des Chaouiya de l'Aures. » (EBERHARDT, 1920, p. 91).

É a partir do olhar de Isabelle que a mulher passa ter nome, história e vida. Uma história sofrida, como a vida das mulheres que Isabelle encontrou em suas viagens naquela região. **Achoura**, jovem mulher, infeliz, casada ainda muito cedo, repudiada, sonhadora, como tantas outras.

Isabelle imprimiu em **Achoura** o desejo de felicidade, de amor eterno, de obter um lar, ter uma família, ser amada por um homem que retribuísse esse amor, um homem que a tirasse da miséria em que vivia. **Achoura** era infeliz, nunca tivera contato com a felicidade, mas a desejava ardentemente.

Achoura foi entregue muito jovem por seu pai para um homem mais velho que a desposou. Esse homem a levou para um lugar distante de tudo o que ela conhecia e, logo em seguida a abandonou. Fazendo com que logo se entregasse à prostituição e ao vício do absinto que fazia com que ela ficasse horas a fio sentada imóvel, inerte, com olhar perdido diante da casa em que vivia. O absinto e a castração que sofrera na infância, como é de costume em sua tribo deixavam-na sem qualquer sentimento à vida que levava.

Isso tudo muda quando **Achoura** recebe em seu leito um jovem bonito, forte, charmoso, rico e influente, **Si Mohammed el Arbi**, que foi o primeiro homem que a tratou com carinho e respeito. Ela o amou imediatamente. Sua vida se transformou e ela passou a viver em função daqueles poucos momentos de carinho que ele lhe proporcionava.

Ela a presenteava com bijuterias e joias e ela com lençóis limpos e perfumes de bálsamo e alfazema no quarto. Ele também a amou, ou ao menos pensou que a amasse. Juraram amor eterno, mas a vida fez com que **Si Mohammed el Arbi**, tivesse que partir. Ele teve que assumir um posto em outras paragens, **Touggourt**, mas prometeu a **Achoura** que não a esqueceria e que voltaria para buscá-la para mais perto dele. Note-se que não prometeu casamento, mas proximidade. Prometeu, também, que lhe escreveria com frequência. Seu pai se opôs veementemente à continuidade dessa relação e assim que **Si Mohammed**, seu filho, partiu, procurou **Achoura** e a expulsou da cidade. Seu pai era homem poderoso que ninguém ousava questionar.

As cartas de **Si Mohammed** vão, pouco a pouco, diminuindo de frequência até cessarem. **Achoura** esperava pacientemente. Para Ele a vida começava em outra cidade, com outras mulheres, com outros companheiros de bebedeira. Para ela, a vida se esvaía e se acabava dia a dia. **Achoura** começa então a beber, ela lança sua vida nas trevas da desilusão.

Havemos de pensar que seria realmente o fim para **Achoura**, entretanto, em retornando a **Batna**, perdida em suas muitas lembranças ela conhece um **spahi** (soldado da cavalaria) que se apaixona por ela, mas que ela subjuga por que continua a amar seu **cherif** e **cahīd**, **Si Mohammed**. Por amor o **spahi** abandona as armas.

Para terminar sua saga, **Achoura**, vende todas as joias que ganhou dos homens com quem dormiu, menos as joias dadas por **Si Mohammed**. Ela dá uma parte de seu

dinheiro aos peregrinos pobres que partem para Meca e, finalmente, se casa com o **spahi**. **El Abadi**, que entregara-se à bebedeira e ao jogo não consegue mais sustentar-se na vida civil e reengaja-se. **Achoura** fica novamente só. Ela se recolhe em um mosteiro muçulmano onde se entregou à uma vida exemplar e silenciosa, mesmo lá ela não esquece seu amado o belo **Cherif Si Mohamed el Arbi** e continua a amá-lo para sempre.

5.2 - ANÁLISE: REALIDADE X FICÇÃO, MEMÓRIA X CONHECIMENTO

O primeiro conto do capítulo **Femmes**, intitulado **Le Portrait de L'Ouled-Nail**, relata a história imaginada pela autora ao observar um retrato de uma **Ouled Nail** em uma vitrine. “... Exposé aux regards curieux des étrangers, dans toutes les vitrines de photographes, il est um portrait de femme du Sud ...mais qui connaît sont histoire, qui pourrait supposer que dans la vie ignorée de cette femme (...) s’est déroulé un vrai drame humain” (EBERHARDT, p. 91, 1920).

Sua personagem é apenas um rosto, sem história, sem passado, sem voz. A mulher da foto está congelada e congelados estão seus pensamentos e sentimentos. Isabelle não procura dar voz a essa mulher, apenas imagina o que poderia ter se passado com ela. Ela busca em sua memória o conhecimento necessário para compor a história daquela mulher. O mais importante para Isabelle não é mulher, mas sua história. Nas crônicas de Isabelle tudo é proposital, desde o nome de suas personagens até o local onde elas se encontram.

Como não poderia deixar de ser o nome da personagem **Achoura** tem vários significados. Há um antagonismo proposital. **Achoura** é o nome dado ao dia sagrado para os muçulmanos. Deriva da palavra **achara** que significa **dez** o que corresponde ao décimo dia do mês de **Muharram**, ou seja, o primeiro mês do ano muçulmano. Entretanto, para o Islamismo Sunita ou mesmo para o Islamismo **Xiita**, chegando à tradição Magrebina a **Achoura** é percebida diferentemente.

Na tradição Sunita, mais amena que a Xiita, podemos encontrar várias maneiras de celebração. É comemorada com jejum e festa e com o acendimento de fogueiras à noite para que as crianças se recreiem pulando-as e depois saindo pela vila, de casa em casa, com

potes e pinturas nas mãos, onde os adultos depositam sementes, chocolates e moedas. Essa é uma das tradições derivada da tradição Sunita.

Em outros países como a Tunísia, por exemplo, a **Achoura** pode ser celebrada com visita aos túmulos e aos cemitérios onde velas são depositadas não aos mortos, mas aos santos protetores dos cemitérios.

Na Argélia é um feriado importante, trata-se de uma comemoração resultante ou oriunda da tradição Sunita, por isso é celebrada com certa semelhança. Os argelinos normalmente jejuam neste dia e encerram o jejum com um almoço em família. Eles também procuram conservar a tradição de comunhão e caridade para com os menos abastados e costumam dividir o alimento, normalmente um carneiro, com os pobres.

Na tradição **Xiita**, menos romântica ou ocidentalizada, nada assemelhando com o **Halloween** ou com o Dia de Ação de Graças americana ou com o nosso Dia de Finados e Dia de Todos os Santos. A tradição **Xiita** remonta ao massacre dos filhos do profeta (Maomé) **Hussein e Hassan**, data que estabelece o início do calendário muçulmano (1374 ano da **Hégire**). Por isso a comemoração nos parece muito violenta e sem sentido. Homens e meninos flagelam-se em plena rua à luz do dia e à vista de todos. O sangue escorre de seu corpo e isso é motivo de orgulho e celebração para eles.

A escolha desse nome para a personagem principal, nos parece proposital, apesar de ser um nome comum para mulheres. No conto ele engloba as duas facetas da comemoração, tanto a **Xiita** sofrida, violenta e voltada para a morte, quanto a **Sunita**, calma, alegre e voltada para vida. Tanto a personagem **Achoura** quanto a sua história são plenos de ambiguidades.

A personagem **Achoura** de Isabelle nesta crônica de **Ouled Nail**, é complexo dentro de sua simplicidade. **Achoura** é quase uma criança quando se vê forçada a casar-se com um homem mais velho, quase um desconhecido que a leva para longe de tudo o que ela conhece. Nesse momento ela não tem o que esperar da vida ou, pelo menos, não sabe o que esperar dela. É tratada como serviçal, sem amor, sem perspectiva, sem desejos, sem sonhos, sem esperanças e sem voz.

Achoura não aceita passivamente seu destino, ela sonha. Não podemos conhecer seus sonhos, desejos e planos, mas Isabelle os enxerga através de seu olhar. É nesse ponto

que percebemos que Isabelle entra em sua história e lança mão de sua própria memória para escrever as memórias de sua personagem.

“E a Memória é para os gregos a mãe das Musas, mãe das divindades responsáveis pela inspiração. Menosyne preside a função poética...Essa deusa feminina tem tudo a ver com Scherazade ” (MENESES, 1995, p.44)

Isabelle tem a preocupação de mostrar para seus leitores que essa mulher e sua história, apesar de ser fruto de sua criação, não são unicamente personagens fictícios, mas sua história e personagens podem ser encontrados, ou melhor, podem ser facilmente encontrados na vida real. O que ela pretende é mostrar que essa história é verossímil porque realmente mulheres como **Achoura**, vivendo como ela e sofrendo como ela existem de fato e para comprovar que pode ser verdadeiro ela insinua: « Tout d’abord, cette appellation d’ “Ouled Nail” appliqué au portrait d’Achoura ben Saïd est fallacieuse : Achoura, qui existe encore sans doute au fond de quelque gourbi bédouin, est issue de la race farouche des Chaouïa de l’Aurès ».

A autora também lança mão de suas memórias para levar o leitor a crer que sua história é verossímil: “Son histoire, mouvementée et triste est l’une de ces épopées de l’amour arabe, qui se déroulent dans le vieux décor séculaire de mœurs figées” (EBERHARDT, 1920, p.92), afirmando que é mais uma história como outras tantas histórias de amor e que, por isso mesmo, pode sim ser verdadeira, apesar de ser uma história criada à partir de elementos de seu cotidiano, no caso, o retrato de uma mulher da tribo dos **Ouled Nail**. Dessa forma a cronista Isabelle vai deixando indícios para que o leitor, ao final, decida se a história é ou não real.

Para demonstrar conhecimento mais profundo da história e da vida de sua personagem, Isabelle procura transmitir o pensamento dela como se, nesse ponto Isabelle se deixa de usar a primeira pessoa e fazer parte da história, transpondo-se para a terceira pessoa, onde ela tem o conhecimento de fatos e situações que mesmo as personagens não possuem. Fazendo com que sua personagem real transite em meio a ficção.

« ...quand bien même ce marquis fictif rencontré à Calais un personnage réel, disons Sterne en voyage, ce personnage n’en serait pas moins diégétique, quoique réel – toute comme Richelieu chez Dumas, Napoléon chez Balzac, ou la princesse Mathilde chez

Poust. Bref, on se confondra pas le caractère extradiégétique avec l'existence historique réelle, ni le caractère diégétique (ou même métadiégétique) avec la fiction : Paris et Balbec sont au même niveau, bien que l'un soit réel et l'autre fictif, et nous sommes tous les jours objets de récit, sinon héros de roman ». (GENETTE, p. 240, 1972)

« Achoura, comme toutes les filles de sa race, regardait le trafic de son corps comme le seul gage d'affranchissement accessible à la femme. » (EBERHARDT, p.93-94, 1920), dessa forma além de demonstrar conhecimento do pensamento de sua personagem, Isabelle, aproveitava para denunciar um problema social daquelas paragens, isto é, a submissão feminina e sua humilhação e desgraça. Dessa maneira, encontramos mais um elemento característico da crônica, o elemento da denúncia social, demonstrando o conhecimento da história. A autora propositadamente insere a ficção em elementos palpáveis da realidade de qualquer leitor, tanto os leitores de sua época quanto os leitores de outras épocas.

CONCLUSÃO

A autora escreveu suas obras para serem lidas e para que os leitores, de alguma forma se identificassem com as histórias. Claro que não podemos nos esquecer da época em que ela escreveu, nem das condições sociais e políticas que encontrou em suas viagens. Ebehardt se preocupou com a recepção de suas obras não apenas em seu tempo.

Ela se preocupava com o sentimento do leitor, mas se preocupava mais em mostrar a realidade que encontrou. Ela queria mostrar ao leitor dos jornais e revistas para os quais escrevia; as maravilhas das terras, tribos, povos e costumes que ela viu e descobriu. Em cada linha de suas crônicas procurava descortinar paisagens e os lugares, em suas descrições que levam seus leitores a desbravar e conhecer o deserto, os povos berberes, os beduínos, os Oasis, as cidades, vilas e acampamentos. Procurava transmitir sensações e sentimentos através das muitas descrições psicológicas que imprimiu, dando a cada personagem não apenas um corpo, mas também, alma e espírito.

Isabelle em seus muitos escritos, intenta desmitificar o povo ou os povos que habitam no norte da África, sua religião e sua cultura. Para isso, sua conversão ao Islã foi preponderante para que ela escrevesse não apenas sobre algo que ela ouvira falar, mas ela pôde escrever de algo que ela vivenciava e amava. A partir de sua conversão ela não falava de um povo ou de uma religião, ela falava de seu povo e de sua religião. O que, realmente, faz grande diferença em sua percepção das coisas que via e ouvia, como também, do que escrevia e da forma como escrevia.

Isabelle, como ninguém, viveu o Islã e conheceu a cultura magrebina. O fato de ter se vestido de homem, de ter vivido no meio masculino, fez com que ela tivesse um novo olhar com relação à situação feminina como vimos no conto analisado. A mulher não apenas sofria, mas optava por sofrer. No caso de Achoura, ela encontrou o homem dos sonhos com quem viveu um amor passageiro, pelo menos para ele. Por outro lado ela encontrou um bom homem que a amou, o spahi El Abadi, que abandonou a carreira para com ela conviver. Na visão de Isabelle ela teve a oportunidade de ser amada, mas a rejeitou, preferindo sofrer o amor por seu cherif Si Mohammed. Isabelle demonstra que Achoura não sabia ser feliz e optou por ser infeliz e solitária. Ela podia ter constituído a família que sempre sonhou com um homem que a amava, mas preferiu a solidão do mosteiro e viver à sombra escura de um amor impossível.

APÊNDICE - A

Transcrição da crônica - LE PORTRAIT DE L'OUED NAÏL

Exposé aux regards curieux des étrangers, dans toutes les vitrines de photographes, il est un portrait de femme du Sud au costume bizarre, au visage impressionnant d'idole du vieil Orient ou d'apparition... Visage d'oiseau de proie aux yeux de mystère. Combien de rêveries singulières et peut-être, chez quelques âmes affinées, de presciences de ce Sud morne e resplendissant, a évoquées ce portrait d' « Ouled Naïl » chez les passants qui l'ont contemplé, que son effigie a troublés ?

Mais qui connaît son histoire, qui pourrait supposer que, dans la vie ignorée de cette femme, d'ailleurs à la fois si proche et si lointaine, s'est déroulé un vrai drame humain, que ces yeux d'ombre, ces lèvres arquées ont souri au fantôme du bonheur ?

Tout d'abord, cette appellation d' « Ouled Naïl » appliquée au portrait d'Achoura ben Saïd est fallacieuse : Achoura, qui existe encore sans doute au fond de qqelque gourbi bédouin, est issue de la race farouche des Chaouiya de l'Aurès.

Son histoire, mouvementée et triste, est l'une de ces épopées de l'amour arabe, qui se déroulent dans le vieux décor séculaire des moeurs figées et qui n'ont d'autres rapsodes que les bergers et les chameliers, improvisant, avec un art tout intuitif et sans artifices, des complaintes longues et monotones comme les routes du désert, sur les amours de leur race, sur les dévouements, les vengeances, les nefra et les razzia.

Fille de bûcheron, Achoura avait longtemps poursuivi l'indicible rêve de l'inconscience en face des grands horizons bleus de la montagne et des ses sombres forêts de cèdres. Puis, mariée trop jeune, elle avait été emmenée par son mari dans la triste et banale Batna, ville de casernes et de mesures, sans passé e sans histoire. Cloîtrée, en proie à l'ennui lourd d'une existence pour laquelle elle n'était pas née, Achoura avait connu toutes les affres du besoin inassouvi de la liberté. Répudiée bientôt, elle s'était fixée dans l'une des cahutes croulantes du Village nègre, complément obligé des casernes de la garnison.

Là, sa nature étrange s'était affirmée. Sombre e hautaine envers ses semblables et les clients en veste ou en pantalon rouge, elle était secourable pour les pauvres et les infirmes.

Comme les autres pourtant, elle s'enivrait d'absinthe et passait de longues heures d'attente assise sur le pas de sa porte, la cigarette à la bouche, les mains jointes sur son genou relevé. Mais elle conservait toujours cet air triste et grave qui allait si bien sa beauté sombre, et, dans ses yeux au regard lointain, à défaut de pensée, brûlait la flamme de la passion.

Un jour, un fils de grande tente, Si Mohammed el Arbi, dont le père était titulaire d'un aghalik du Sud, remarqua Achoura et l'aima. Audacieux et beau, capable de passions violentes, le jeune chérif fit le bonheur de la Chaouïya, le seul bonheur qui lui fût accessible : âpre et mêlé de souffrance. Jaloux, blessé dans son orgueil par de basses promiscuités, Si Mohammed el Arbi souffrit de voir Achoura au Village nègre, à la merci des soldats. Mais l'en retirer eût été un scandale, et le jeune chérif craignait la colère paternelle...

Comme il arrive pour toutes les créatures d'amour, Achoura se sentit naître à une vie nouvelle. Il lui sembla n'avoir jamais vu le soleil dorer la crête azurée des montagnes et la lumière se jouer capricieusement dans les arbres touffus de la montagne. Parce que la joie était en elle, elle sentit une joie monter de la terre, comme elle alanguie en un éternel amour.

Achoura, comme toutes les filles de sa race, regardait le trafic de son corps comme le seul gage d'affranchissement accessible à la femme. Elle ne voulait plus de la claustration domestique, elle voulait vivre au grand jour et elle n'avait point honte d'être ce qu'elle était. Cela lui semblait légitime et ne gênait pas son amour pour l'élue, car l'idée ne lui vint même jamais d'assimiler leurs ineffables ivresses à ce qu'elle appelait du mot sabir et cynique de « coummerce »...

Achoura aimait Si Mohammed el Arbi. Pour lui elle sut trouver des trésors de délicatesse d'une saveur un peu sauvage.

Jamais personne ne dormait sur le matelas de laine blanche réservé au chérif et aucun autre ne reposa sa tête sur le coussin brodé où Si Mohammed el Arbi reposa la sienne... Quand il devait venir, elle achetait chez les jardiniers roumi une moisson de fleurs odorantes et les semait sur les nattes, sur le lit, dans toute son humble chambre où, du décor habituel des orgies obligées, rien ne restait... Le taudis qui abritait d'ordinaire tant de

brutales ivresses et de banales débauches devenait un délicieux, un mystérieux réduit d'amour.

Impérieuse, fantasque et dure envers les hommes, Achoura était, pour le chérif, douce et soumise sans passivité. Elle était heureuse de le servir, de s'humilier devant lui, et ses façons de maître très despotique lui plaisaient. Seule la jalousie de l'aimé la faisait parfois cruellement souffrir. Les exigences de la condition d'Achoura blessaient bien un peu la délicatesse innée du chérif, mais il voulait bien, se faisant violence, les accepter, pour ne pas s'insurger ouvertement contre les coutumes en affichant une liaison presque maritale. Mais ce qu'il craignait et ce dont le soupçon provoquait chez lui des colères d'une violence terrible, c'était l'amour des autres c'était de la sincérité dans les relations d'Achoura avec les inconnus qui venaient quand le maître était absent. Il avait la méfiance de sa race et le soupçon le tourmentait.

Un jour, sur de vagues indices, il crut à une trahison. Sa colère, avivée encore par une sincère douleur, fut terrible. Il frappa Achoura et partit, sans un mot d'adieu ni de pardon.

Si Mohammed el Arbi habitait un bordj solitaire dans la montagne, loin de la ville. A pied, seule dans la nuit glaciale d'hiver, Achoura alla implorer son pardon. Le matin, on la trouva devant la porte du bordj affalée dans la neige. Touché, Si Mohammed el Arbi pardonna.

Après au gain et cupide avec les autres, Achoura était très désintéressée envers le chérif, elle préférait sa présence à tous les dons.

Un jour, le père du jeune homme apprit qu'on parlait de la liaison de son fils avec une femme du village.

Il vint à Batna et, sans dire un mot à Si Mohammed el Arbi, obtint l'expulsion immédiate d'Achoura.

Éplorée, elle se réfugia dans l'une des petites boutiques de la rue des Ouled Nail, dans la tiédeur chaude et odorante de Biskra.

Malgré son père, Si Mohammed el Arbi profita de toutes les occasions pour courir revoir celle qu'il aimait. Et, comme ils avaient souffert l'un pour l'autre, leur amour devint meilleur e plus humain.

Aux heures accablantes de la sieste, accoudée sur son matelas, Achoura se perdait en une longue contemplation des traits adorés, reproduits par une photographie fanée qu'elle couvrait des baisers... Ainsi d'elle et où ils oubliaient la douloureuse séparation.

Mais le bonheur d'Achoura ne fut pas de longue durée. Si Mohammed el Arbi fut appelé au caïdat opulent du Sud, et partit jurant à Achoura de la faire venir à Touggourt, où elle serait plus près de lui.

Patiemment, Achoura attendit. Les lettres du caïd étaient sa seule consolation, mais bientôt elles se firent plus rares. Si Mohammed el Arbi, dans ce pays nouveau, dans cette vie nouvelle si différente de l'ancienne toute d'inaction et de rêve, s'était laissé griser par d'autres ivresses et captiver par d'autres yeux. Et le jour vint où le caïd d'écrire.... Pour lui, la vie venait à peine de commencer. Mais, pour Achoura, elle venait de finir.

Quelque chose s'était éteint en elle, du jour où elle avait acquis la certitude que Si Mohammed el Arbi ne l'aimait plus. Et, avec cette lumière qui était morte, l'âme d'Achoura avait été plongée dans les ténèbres. Indifférente désormais et morne, Achoura s'était mise à boire, pour oublier. Puis elle revint à Batna, attiré sans doute par des chers souvenirs. Là, dans les bouges du village, elle connut un spahi qui l'aima et qu'elle subjuguait sans qu'il lui fût cher. Alors, comme le spahi avait été libéré, elle vendit une partie de ses bijoux, ne gardant que ceux qui lui avaient été donnés par le chérif. Elle donna une partie de son argent à des pèlerins pauvres partant pour La Mecque et épousa El Abadi qui, joueur et ivrogne, ne put se maintenir dans la vie civile et rengagea.

Achoura rentra dans l'ombre et la retraite du foyer musulman, où elle mène désormais uen vie exemplaire et silencieuse.

Elle s'est réfugiée là pour songer en toute liberté à Si Mohammed el Arbi, le beau chérif qui l'a oubliée depuis longtemps et qu'elle aime toujours.

EBERHARDT, Isabelle. *Le portrait de l'Ouled Naïl. Femmes*. Crônica in Pages d'Islam. P. 91-97. Librairie Charpentier et Fasquelle, 1920.

APÊNDICE - B

PORTRAIT 1 DE L'OUED NAÏL



APÊNDICE - C

PORTRAIT (2) DE L'OUED NAÏL



BIBLIOGRAFIA

a) Obras de Isabelle Eberhardt

EBERHARDT, Isabelle. *Pages d'Islam*. Publiée avec une préface et des notes par Victor Barrucand. Paris: Eugène Fasquelle. Editeur. 1920

_____. *Amour Nomades, nouvelles choisies*. Texte établi par Marie-Odile Delancour e Jean-René Huleu. Edition présentée et annotée par Martine Reide. Paris: Gallimard, 2008.

_____. *Notes de route*. Publiée par une préface de Victor Barrucand. Paris: Librairie Charpentier et Fasquelle Editeur, 1908.

b) Obras complementares

ARRUDA, José Jobson de A. e PILETTI, Nelson. *Toda a História. História Geral e História do Brasil*. 12ª Edição 5ª impressão. Edição reformulada e atualizada. São Paulo: Editora Ática, 2006.

BENZACOUR-CHAMI, Anissa. *Femme Idéale ?*. Collection dirigée par Fatima-Zohra Zryrouil. Maroc: Editions Le fennec, 1992.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

FARES, Mohamad Ahmad Abou. *Condição da mulher na religião muçulmana*. 2ª Ed. Edição do autor: Mohamad Ahmad Abou Fares, 1988.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Collection Poétique (français). Éditions du Seuil, 1972.

_____. *Figures III*. Collection Poétique (espanhol). Éditions du Seuil, 1972.

IBRAHIM, I.A. *Petite guide Illustrée pour comprendre l'Islam*.

MEDDEB, Abdelwahab. *Islam, la part de l'universel*. Paris: ADPF – Ministère des Affaires Étrangères, 2003.

MURAT, Michel. Textes réunir par. *Le Vers Français, Histoire, Théorie, Esthétique*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2000.

MUTAHHARI, Murtadã. *Os direitos das mulheres do islão*. Organização Mundial ao Serviço do Islão. Portugal: Editora Islâmica ALQALAM, 1988.

PELLISSIER.E. *Histoire de l'Afrique de Moh'ammed-Ben-Abi-El-Raïni*. Traduit de l'Arabe par Pellissier E. Et Remusat. Publié par ordre du gouvernement et avec le concours d'une Commission Académique Sciences Historiques et Géographiques.

Wikipédia. Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arg%C3%A9lia> Acessado em: 26/04/2013.